

ELISABETH REINHARDT: PELAS ROTAS MEDIEVAIS DO SABER!

por Paulo Faitanin – UFF.



Dra. Elisabeth
Reinhardt

Elisabeth Reinhardt é professora aposentada da Universidad de Navarra. Dedicou sua investigação aos temas de teologia e filosofia dos séculos XII e XIII. A *aquinate.net* agradece à estimada professora Reinhardt por esta entrevista.

ENTREVISTA:

1. Quem é Tomás de Aquino para a senhora?

É difícil responder com uma palavra apenas, porque me ocorrem várias respostas: pensador, santo, teólogo, amigo, sábio... Decido-me por esta última: *sábio*. Talvez alguém pense: Só isso, um sábio? Também o eram Sócrates, Platão, Aristóteles... Mas quero tomar “sábio” em sentido pleno, tal como o próprio Tomás entendia a sabedoria. Recordo que no começo da *Summa contra gentiles* explica o que entende por *sapientiae studium*. Fica claro que não consiste em possuir um conhecimento enciclopédico, mas que é algo que implica a pessoa por inteiro. A sabedoria, diz o Aquinate, faz-nos semelhantes a Deus e a semelhança é causa do amor, portanto da amizade – também da amizade com Deus –, e o amor é, por sua vez, causa da alegria já nesta vida. Portanto, todo um programa de vida. O ofício de sábio que se propõe a realizar essa obra, consiste em “manifestar a verdade católica, distinguindo a verdade do erro”; e acrescenta que para isso necessita do favor de Deus, porque é algo que excede as forças humanas. Este ofício de sábio ele o exerceu na realidade durante toda a sua vida, sempre atento à voz da verdade. Por isso, foi chamado com razão de “apóstolo da verdade”; como o disse João Paulo II, citando Paulo VI. A sabedoria em sentido forte, como a entende o Aquinate, não fica no terreno do conhecimento, mas vai de mãos dadas com uma “vida verdadeira”. A verdade é também uma virtude, diz na *Summa Theologiae*, na q. 16 da primeira parte; um hábito bom que leva uma pessoa a se expressar por palavras e obras (*diātis et factis*) tal como realmente é. Mas há uma “veracidade” ainda mais profunda (*veritas vitae*), afirma Tomás, pela qual uma pessoa vive como Deus a pensou, e isso ele compara com a assim chamada “verdade das coisas” ou “verdade ontológica”. Aqui tocamos a vertente moral da sabedoria; mas é, além disso, um dom do Espírito Santo que aperfeiçoa a caridade. Não há dúvida de que a sabedoria assim entendida aponta para a santidade, e não é necessário insistir

que Santo Tomás é também um santo: tão santo como sábio, poderíamos dizer. Por isso não tenho problema em afirmar que, para mim, é um “sábio”. Em nível prático e cotidiano, posso dizer que tomei o Aquinate como conselheiro em muitas coisas. É fácil para mim me conectar com as colocações que ele faz, para além do aparato escolástico que às vezes o rodeia. Esta sintonia não quer dizer, no entanto, que eu possa assumir absolutamente tudo o que disse em qualquer aspecto. Como é lógico, ele se servia dos conhecimentos humanos próprios de seu tempo e há coisas que ele, se vivesse agora, não sustentaria. Para dar um exemplo: o que disse sobre a mulher me parece aceitável em algumas coisas – importantes, é certo –, mas não em outras. Em qualquer caso é conselheiro e amigo, alguém de confiança.

2. Por que estudar Tomás hoje?

Porque tem respostas válidas para o homem de todos os tempos. Não me refiro às perguntas puramente técnicas ou circunstanciais, mas às perguntas de sentido, que toda pessoa se faz com mais ou menos frequência e em todos os níveis; são as que versam sobre o “por quê” e “para que”, por exemplo, quando nos encontramos com o sofrimento ou nos desconcerta uma situação, ou quando algo nos causa desilusão ou tristeza. São momentos para se fazer perguntas de sentido. Algumas vezes nos fazemos colocações mais profundas, de modo mais ou menos explícito: “de onde venho?”, “para onde vou?”, “para que vivo?”, “que será depois?”. E é claro, a pergunta difícil de evitar: “Deus existe?”. Para todas estas questões e muitas mais que nos fazemos, o Aquinate tem respostas válidas. Deixo um exemplo que a mim me chamou a atenção. No conhecido artigo da *Summa Theologiae* onde demonstra a existência de Deus por cinco “vias”, há duas objeções que não são “medievais”, mas que poderiam ser de qualquer época, também de hoje. Uma é a presença do mal no mundo – o experimentamos diariamente – que nos parece incompatível com a existência de Deus a Quem entendemos como infinitamente bom e poderoso. Tomás responde, citando Santo Agostinho, que é próprio da infinita bondade e onipotência de Deus tirar bens de males (entendendo, como explica em outros lugares, que a culpa do mal não é de Deus, mas procede do mau uso da liberdade criada). A outra objeção à existência de Deus é que o mundo se explica e se basta a si mesmo, porque tudo o que há nele obedece a dois princípios, que são a natureza e o homem enquanto racional e livre, de modo que não é necessário que exista Deus. A resposta é que tanto o mundo como o homem são limitados e tudo o que é limitado requer para existir um primeiro princípio não limitado por nada; a análise dessa finitude, que se manifesta de modo evidente em cinco aspectos fundamentais, é precisamente o ponto de partida para demonstrar a existência

de Deus pelas conhecidas “vias”. É possível que aquele que leia esse brevíssimo texto do Aquinate, sem uma preparação histórico-filosófica, diga com um sorriso irônico: Que ingênuos são estes medievais! E tudo pode acabar em uma despedida, para sempre, de tais colocações. Com efeito, a leitura direta com um nível cultural médio comporta este risco. Por isso recomendaria algum tipo de preparação, através de aulas ou de uma leitura introdutória – ou ambas as coisas – para adquirir uma sintonia mínima com o pensamento de Tomás e sua época e assim se defrontar pouco a pouco com determinados textos, não precisamente os mais difíceis. Falei de respostas que a obra de Tomás de Aquino oferece às nossas perguntas. Mas há algo mais geral. Hoje se percebe um medo bastante generalizado da verdade. Fazemos todo tipo de equilíbrios para não ser tachados de “fundamentalistas”, tradicionalistas e inimigos do progresso. Mas aqueles que defendem o relativismo total – e às vezes combativo – se instalam, sem se dar conta, em uma “verdade” única que querem impor a todos; não se dão conta de que com isto bloqueiam o progresso, já que só é possível progredir se se sabe aonde se vai e por que; e o pretendido bem comum se desagrega numa infinidade de bens individuais, acordados segundo as tendências do momento. No fundo, a ninguém satisfaz tal relativismo. É certo que em um momento determinado pode ser mais cômodo afirmar que tudo é relativo, mas isso não aquieta as aspirações mais profundas que todos temos, porque a mente necessita de pontos de apoio que não mudam. Penso que o Aquinate oferece uma terapia que não é violenta nem dolorosa, porque parte da base de que o homem é racional e livre, capaz de conhecer e de se orientar no mundo, e de transformá-lo com seu trabalho. Não é nem fundamentalista nem relativista. Ensina-nos precisamente que a verdade é uma relação que a inteligência estabelece com o mundo exterior e com o interior, mas que não é sempre a mesma, nem tem a mesma força: há verdades que sempre o são para todos, porque se baseiam em evidências, que certamente poderíamos negar, mas abdicando da própria inteligência. Parece-me que valeria a pena descobrir a sensatez de Tomás e seu realismo e comprovar que entende muito bem o homem e seu lugar no mundo, também no mundo atual. Pode-nos ensinar a nos encontrar com nós mesmos – aceitando-nos como somos – e a nos situar em uma relação adequada com os demais e com o ambiente em que vivemos. Não em vão entre os apelativos que recebeu no transcurso dos séculos, o mais recente é o de “*Doctor Humanitatis*”; foi-lhe conferido por João Paulo II, que em minha opinião mereceria igualmente esse título.

3. Quais são as chaves favoráveis do tomismo para o diálogo com a atualidade?

Prefiro falar de chaves do pensamento do Aquinate, porque o tomismo implica toda a história da recepção que é tão variada. É certo que há características comuns, mas também diversidade. Há tomistas que, com muito boa intenção, velaram ou distorceram pontos importantes da filosofia de Santo Tomás – em metafísica, sobretudo –, porque o interpretaram a partir de posições heterogêneas; outros, ao contrário, souberam explicá-lo bem, obtendo novas luzes e matizes sem mudar o sentido. Tudo isso aparece com mais clareza depois das recentes investigações sobre o tomismo, como se reflete, por exemplo, no *Thomistenlexikon*, que se acaba de publicar na Alemanha.

Fecho este inciso e respondo à pergunta. Vou me concentrar nas chaves filosóficas, porque ao mover-se no nível da razão oferecem uma base mais ampla e se prestam melhor ao diálogo que a teologia, ainda que faça alguma referência a ela. Em primeiro lugar, menciono o realismo metafísico e cognitivo. Os distintos níveis de potência e ato, na análise que faz da realidade, nos oferecem uma compreensão equilibrada do mundo e do homem, com abertura à transcendência. Parece-me atrativo, por exemplo, o modo em que entende a potencialidade: não no sentido negativo, como puro limite, mas como capacidade de ser, de realizar e de fazer, e de modo particular no ser humano. Isso me leva à segunda chave, que é a doutrina da causalidade, em concreto a causalidade própria de todas as coisas que existem. Não apenas existem, mas têm um poder operativo que é tão amplo quanto permite a sua natureza. Aqui se radicam precisamente sua autonomia e seu valor. Isso é interessante para a sensibilidade ecológica de hoje. Por exemplo, quando diz Tomás que é próprio das criaturas que dependam de Deus (*in eorum natura est ut dependant a Deo*), não lhes está tirando algo, antes pelo contrário. Dependência e autonomia não se contrapõem se admitimos que o mundo não se produziu a si mesmo. Esta dependência e autonomia adquirem uma importância particular no homem, porque lhe corresponde cuidar de si mesmo, segundo a forte expressão de Santo Tomás quando diz que “o homem é, de certo modo, providência para si mesmo”; mas é responsável não só por si mesmo, mas por todos os demais homens e por toda a natureza. Seu raio de ação é tão amplo como o universo, mas deve coordenar a própria autonomia com a dos demais seres e o único limite é a ordem estabelecida por Deus, porque só então é legítima essa autonomia. É uma questão com muitas implicações na atualidade, que aqui não posso desenvolver. Limito-me a mencionar o ensinamento do Concílio Vaticano II sobre esse tema – em *Gaudium et spes*, sobretudo –, e nas múltiplas referências de João Paulo II. Em terceiro lugar, considero muito importante ter uma compreensão adequada da realidade contingente e mais em concreto, da matéria. Somente

se se entende bem a matéria, se pode acertar no conhecimento do imaterial; só assim se evitam as extrapolações como, por um lado, o materialismo, que descarta o espírito, e por outro o espiritualismo que deprecia a matéria, e também o dualismo que equipara matéria e espírito como princípios causais paralelos. Este discernimento feito com rigor filosófico se pode aprender de Santo Tomás, dentre muitos outros textos, em uma obra de juventude e muito breve que se intitula *De principiis naturae*. É típico do pensamento contemporâneo sobrevalorizar a matéria como se fosse o único real, e por outro lado buscamos afanosamente escapar dela, refugiando-nos em planos pseudo-espirituais.

A quarta chave, no meu modo de ver, seria a relação entre o natural e o sobrenatural, que em nível cognitivo implica a relação entre fé e razão; aqui já temos que conjugar chaves filosóficas e teológicas. É muito característica em Santo Tomás de Aquino a aplicação da analogia em todos os níveis; uma analogia que implica distinção de ordens e de coisas, sem que haja separação. Deus ao atuar em e sobre as suas criaturas, o faz conforme a natureza que têm e não contra ela. As criaturas, por sua origem mesmo, estão abertas à ação de Deus, e o homem por ser inteligente e livre é *apax Dei*, capaz de ser elevado pelo Criador a uma vida “sobrenatural”, que é distinta da natural, mas não contrária nem separada; é uma vida de conhecimento e amor, não alcançável pelos princípios naturais, mas que conta com eles em seu exercício. Por isso, a fé e a razão não se contrapõem em nenhum dos âmbitos humanos, como a ciência, a técnica, a economia, a arte, a política. O Aquinate tinha verdadeira alergia em mesclar as duas ordens – o natural e o sobrenatural -, as distinguia com rigor, sem separá-las. Em mais de uma ocasião diz que se em questões puramente naturais pretendemos demonstrar com premissas sobrenaturais, ridicularizamos a fé. Adverte ademais que em muitas questões cosmológicas não podemos fazer afirmações definitivas, porque as descobertas podem variar no futuro; isso encontramos, por exemplo, na resposta a uma consulta do Frei João de Vercelli. Parece-me que esta chave tomasiana da relação entre natural e sobrenatural, junto com a autonomia do criado, pode ser uma luz orientadora ante os postulados laicistas, mas também ante formulações “clericais”.

4. Qual tema do pensamento do Aquinate mais a cativou?

É o tema da imagem de Deus no homem, e isso já há muito tempo, quando o escolhi como tema de tese doutoral. Menos mal que o orientador do trabalho limitou o tema, aconselhando-me que me centrasse somente na dimensão natural da imagem ou *imago creationis*, um conselho muito sensato. Com efeito, conforme rastreava a citação bíblica de Gênesis 1, 26-27 em toda a obra do

Aquinate, a fui encontrando em quase todos os grandes temas da doutrina revelada: o tratado de Deus, a Trindade, a criação, a cristologia, a graça, a moral e os novíssimos. Depois da minha tese continuei trabalhando sobre distintos aspectos da imagem divina no homem que antes somente havia intuído. Os resultados se encontram no livro “A dignidade do homem enquanto imagem de Deus”, publicado em 2005. Isso não significa que possa dar o tema por concluído, porque ainda se podem desenvolver reflexões antropológicas de bastante interesse atual, como, por exemplo, o aparente paradoxo da “capacidade de Deus” existente em todo ser humano e as posições agnósticas e atéias, que requer uma explicação e esta se encontra nas características mesmas da imagem. Um tema similar seria estudar a afirmação de João Paulo II de que a antropologia do Aquinate é como uma luz orientadora frente os reclamos de uma ética secularizada e uma visão “laica” do homem. Recordo a este propósito o documento da Comissão Teológica Internacional de 2004, que reflete um crescente interesse teológico do tema da imagem no homem, na linha dos ensinamentos do Concílio Vaticano II.

5. Fale um pouco de seu último livro “*Por las rutas medievales del saber*”.

Este livro, que a Faculdade de Teologia me ofereceu por ocasião de minha aposentadoria, é em si mesmo como um percurso com muitas paradas em determinados temas do pensamento medieval. São trabalhos que produzi em diferentes momentos, a maioria por causa de algum congresso, sobre temas geralmente pouco conhecidos. Um deles é a intervenção de Santo Anselmo no concílio de Bari (1098) sobre a processão do Espírito Santo, uma das questões dogmáticas que separava o Oriente do Ocidente. Outro trabalho consistia em rastrear a evolução das “sumas teológicas” e seguir através delas a sistematização da teologia, por exemplo, a antropologia presente na *Summa sententiarum*, atribuída a um autor não completamente identificado do século XII. Há também alguns estudos sobre os escritos de mulheres medievais como Hrotsvit de Gandersheim, do século X, Hildegard de Bingen, do século XII e Mectildis de Magderburgo que vivia no século XIII. Nessa miscelânea de que estamos falando, alguns trabalhos são mais de análise, como por exemplo, “*Joaquín de Fiore y el IV Concilio Lateranense*”; outros têm caráter de síntese, como a noção de teologia em Ricardo de São Vítor. Quanto ao método, todos têm em comum a atenção ao contexto histórico e aos textos dos distintos autores. No final do livro, têm a palavra dois conhecidos medievalistas e tomistas: Albert Zimmermann e Jean-Pierre Torrel. No caso do professor Zimmermann, se trata de uma avaliação de seu trabalho científico e de sua atividade à frente do *Thomas-Institut* da Universidade de Colônia durante mais de vinte e cinco anos. Jean-Pierre

Torrell, ao contrário, toma diretamente a palavra em uma ampla entrevista que reflete sua grande familiaridade com o pensamento de Santo Tomás.

6. Quais são seus planos para o futuro: investigações, leituras...?

Em princípio, seguirei com os campos de investigação já começados. Nos últimos três anos trabalhei em um tema que não aparece no livro dos itinerários medievais. É uma “rota” nova que me apareceu por causa de um projeto interdisciplinar sobre neoplatonismo nos séculos XI e XII, dirigido por uma professora de Filosofia da minha Universidade, Maria-Jesús Soto-Bruna. Neste projeto me ocupei da escola catedralícia de Chartres, em concreto de Thierry, ou Teodorico, que foi chanceler dessa escola no século XII. Acabamos de publicar a primeira tradução espanhola de sua obra *Tractatus de sex dierum operibus*. A preparação do texto bilíngüe ficou a cargo da latinista Pilar García Ruiz, da Faculdade de Filosofia e Letras, e eu fiz o estudo preliminar. Essa obra, breve, tem a novidade de ser um comentário aos primeiros versículos do Gênesis, mas *secundum physicam*, onde o autor explica a origem do mundo e do homem segundo os conhecimentos científicos de seu tempo, contando com os escritos “naturais” gregos e árabes. Comprova-se que os mestres de Chartres seguiam muito de perto a chegada das novas fontes, muitas delas em versão árabe. Nesse ambiente havia outros pensadores como Hermann da Caríntia, oriundo da atual Croácia, bom conhecedor da língua e ciência árabes: além de numerosas traduções, nos deixou uma obra de síntese (*De Essentiis*) sobre a origem e a constituição do universo, onde trabalha com todas essas fontes novas. Quero dizer que esse projeto me levou a um filão medieval que oferece ainda muito trabalho. Ao mesmo tempo manterei vivo o interesse por Santo Tomás, porque é uma fonte que não se esgota. Concretamente, me interessa estudar mais seus comentários à Sagrada Escritura, sobretudo às epístolas paulinas. É um campo ainda pouco trabalhado e encerra uma riqueza enorme. E juntamente com a bibliografia própria destes estudos, há muitas outras leituras na “lista de espera”, assim como atividades e *hobbies* variados, de modo que vejo meu tempo bastante cheio.

7. Que conselhos pode dar aos jovens leitores de aquinate.net para seguir as rotas medievais do saber?

Em primeiro lugar, aconselharia deixar de lado os tópicos sobre a Idade Média, que são geralmente de dois tipos: há aqueles que, a partir de posições ilustradas, a qualificam como “obscura”, aferrada à tradição e fechada ao progresso; outros, desde uma perspectiva mais romântica, idealizam a época

medieval buscando satisfazer uma curiosidade superficial ou temas para histórias sensacionalistas, como sucede com alguns romances e filmes de pretensões “históricas”. Parece-me que há que se levar a sério as pessoas de todas as épocas, também, as que estão longe de nós no tempo. Isso só é possível mediante a história no sentido científico, quer dizer, documentada e trabalhada, sem se limitar tampouco a monografias especializadas, porque existe uma narrativa séria e de qualidade como, por exemplo, a de Régine Pernoud.

Além disso, há as biografias que introduzem muito bem no mundo medieval, por exemplo, a de Tomás de Aquino por James A. Weisheipl, ou a de Tomás Becket, escrita por David Knowles. Aproximam-nos não apenas a um determinado personagem, mas a todo um ambiente e nos dão a conhecer as grandes discussões intelectuais – que certamente houve – os movimentos dissidente de diversos tipos, os acontecimentos políticos e religiosos *etc.* Um conselho imprescindível é ir aos textos, mas com alguma orientação prévia – ou talvez a partir de uma biografia – para acertar na escolha. Há textos que se encontram em forma de diálogo e por isso podem resultar mais acessíveis, por exemplo, em Santo Anselmo, os escritos sobre a verdade e a liberdade; ou o “Diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão”, de Pedro Abelardo; ou mais tarde, “A paz da fé”, de Nicolau de Cusa, que propõe as relações inter-religiosas, buscando um entendimento entre as três grandes religiões de seu tempo. Limito-me a algumas referências, para não me alongar. A questão é começar por algo e assim adentrar por algum dos múltiplos pontos de interesse. Assim o fizeram grandes medievalistas, como Gilson, que narra – em seu livro “Deus e a Filosofia” – como chegou a se interessar pelos pensadores medievais e, em concreto, por Santo Tomás. Parece-me que já falei bastante, ainda que pudesse seguir. Trata-se de começar a andar por alguma das “rotas” que assinalei e se deixar surpreender.

Tradução: Daniel Nunes Pêcego.